**Concílio Vaticano II: do surgimento aos dias atuais**

No decorrer dos séculos a Igreja sempre buscou uma forma de unir as inúmeras religiões de uma maneira Ecumênica. Diversos Concílios Ecumênicos aconteceram no perpassar dos anos, sendo dois os de maior destaque, o de Trento, que contou com a Reforma Protestante e a grande influência de Lutero para a Igreja e mais recentemente o Concílio Vaticano II, que trouxe novos ares para a Igreja e uma maior abertura para um diálogo ecumênico, e é sobre este que esta pesquisa se desenvolverá. Enquanto Trento configurou-se como um combate entre católicos e protestantes, o Vaticano II caracterizou-se como uma possível harmonização entre eles.

Num primeiro momento serão relatadas as raízes históricas desse acontecimento fulcral, principalmente para a Igreja Católica Apostólica Romana, analisando-se seus quatro períodos e as conclusões tomadas. Em seguida serão apresentados os documentos que foram desenvolvidos pelo Concílio e que ainda são utilizados nos dias hodiernos. Por fim, na apreciação crítica, 50 anos depois da realização do Concílio serão apresentados pontos e aspectos do que mudou e do que permaneceu desde aquela época.

**História do Concílio Vaticano II**

Segundo Alberigo (1992, p.607), estas foram as palavras de abertura do grande Concílio: “Pronuncio perante vós, certamente tremendo um pouco de emoção, mas também com humilde firmeza de intenção, o nome das duas celebrações: um Sínodo diocesano para a cidade de Roma e um Concílio geral para a Igreja Universal”. Essas palavras foram proferidas por João XXIII, em 1959, demonstrando o interesse de abrir-se um novo grande Concílio, o Vaticano II.

A convocação do Concílio foi uma grande surpresa e espanto para os chamados curiais[[1]](#footnote-1), afinal, João XXIII era considerado um papa transitória, por sua elevada idade, e acabou por causar uma revolução na Igreja, principalmente na Igreja Católica Romana.

De acordo com Passos e Sanchez (2015, p.15), o Concílio Vaticano II tratou-se de, acordo com seu progenitor, o Papa João XXIII, de um aggiornamento[[2]](#footnote-2) para a vida da Igreja, o que permitiria que se realizasse um diálogo com maior clareza e coerência. Não se tratou logo de início de um diálogo fácil, mas, como toda relação intersubjetiva, uma busca de rumos, caminhos e orientações para um bom diálogo ecumênico.

Este Concílio, segundo Passos e Sanchez (2015, p.16), realizou-se como que um sínodo, que foi construído numa dinâmica de comunhão e diversidade. Sendo realizado já no século XX[[3]](#footnote-3), múltiplas realidades eclesiais, diversas concepções teológicas e a alteridade do mundo moderno estiveram presentes nas decisões conciliares, buscando uma linguagem mais coerente para a humanidade de até então. Assim, na rota do diálogo aconteceu o Concílio entendendo-se a missão e a própria natureza da Igreja.

Os tempos que antecederam o Concílio Vaticano II, de acordo com Passos e Sanchez (2015, p.16), era um período em que se vivia com um alto índice de racionalidade, terríveis injustiças, com desigualdades e guerras. Ainda, segundo Alberigo (1992, p.80), o papa não tirava seu olhar da situação em que o mundo vinha vivendo, tratava-se de aspectos do que hoje chamar-se-á de globalização. João XXIII estava atento aos sinais da evolução da situação mundial.

De acordo com Raschietti (2005, p.4), o Concílio Vaticano II passou por dois papas. João XXIII e em seguida Paulo VI, que deu continuidade ao trabalho de seu predecessor. No entanto, a intenção e a inspiração de João XXIII deixaram um marco exclusivo e único no Concílio, ao passo que as contribuições de Paulo VI foram mais de ordem prática e de redação dos documentos conciliares.

No meio disto tudo, o Vaticano II colocou a Igreja como servidora da vida e da verdade, como mestra a ser seguida e também como uma aprendiz, tanto que no encerramento do grande encontro, Paulo VI afirmou que o Concílio havia promovido o encontro do Deus que se fez homem, como o homem que se fez Deus.

Este Concílio foi dividido em várias sessões e vários períodos, em cada um deles teve-se um argumento de destaque e um foco principal. Assim, segue-se um breve resumo dos períodos que se realizaram no Concílio e suas inferências para o mesmo.

***Os períodos do Concílio***

De acordo com Souza (2005,p.11), o Concílio dividiu-se em quatro períodos. O primeiro foi de outubro a dezembro de 1962. O segundo período foi de setembro a dezembro de 1963. O terceiro por sua vez, de setembro a novembro de 1964. E por fim, o quarto e último período, bem como a conclusão do Concílio, aconteceu de setembro a dezembro de 1965.

No primeiro período dá-se destaque a abertura do Concílio, que segundo Souza (2005, p.12), contou com a participação de 2540 padres com poder de voto, um número nunca alcançado antes por nenhum Concílio anterior a este. Em seguida, deu-se o discurso de abertura, no qual João XXIII reafirmou a intenção do Concílio que era a de aproximar as pessoas de uma maneira eficaz, levando em consideração as mudanças das estruturas sociais e não condenar os erros, mas mostrar a veracidade da doutrina da Igreja.

Participaram desse Concílio representantes dos cinco continentes. Um dos pontos tratados neste primeiro período, ainda segundo Souza (2005, p.13), foi o esquema sobre a liturgia. Neste esquema foram debatidos temas como o fato de os fieis não assistirem passivamente as funções sagradas, mas participarem ativamente, não só escutarem, mas pregarem e celebrarem juntamente. Discutiu-se também a introdução da língua vernácula na liturgia da palavra e na execução dos sacramentos no lugar do latim. Também pediu-se uma reforma dos livros litúrgicos e a reintrodução da comunhão em duas espécies em determinadas situações. Essas discussões ressaltaram as divergências entre progressistas e tradicionalistas.

Ainda no primeiro período, de acordo com Souza (2005, p.14), um segundo ponto de discussões foi sobre o esquema da Revelação. Esta girou em torno de duas importantes questões, era necessário afirmar, contra os protestantes, que são duas as fontes da Revelação, a Escritura e a Tradição. Ainda era necessário afirmar que alguns eram dogmas somente fundamentados na Tradição ou afirmar que a única fonte da Revelação é a Palavra de Deus, que é alcançada por sua vez, através de dois canais, a Escritura inspirada pelo Espírito Santo e a Tradição transmitida pela Igreja. Essa discussão agravou a situação com os protestantes e ameaçou a reconciliação ecumênica.

Esta discussão sobre as fontes da Revelação acabou de maneira inusitada e teve que ter a intervenção do Papa que propôs uma nova comissão, que mesmo sendo aceita com ceticismo por alguns, encontrou um meio-termo depois de alguns anos para a situação.

A terceira discussão desse primeiro período, de acordo com Souza (2005, p.15), foi sobre os meios de comunicação, que diferentemente das discussões sobre liturgia e revelação foi mais pacífica. A comissão conciliar recomendou que se aprovasse o texto, porém uma oposição foi encontrada, afinal o esquema colocava em evidencia, de uma maneira unilateral o direito de a Igreja desfrutar dos modernos meios de comunicação, mas dava pouco direito das pessoas obterem uma informação objetiva e verdadeira e ainda não condenava de um modo severo a utilização abusiva dos meios de comunicação.

Um último ponto de discussões nesse primeiro período, conforme Souza (2005, p.16), foi o esquema sobre as igrejas orientais, gerou muitas discussões, e percebeu-se num primeiro momento que o texto escrito proporcionava mais a um afastamento dos ortodoxos do que a uma aproximação. Nele a doutrina da colegialidade epsicopal era tratada de maneira superficial. O texto também era carregado de triunfalismo e juridicismo. Foi então proposto uma reelaboração do texto para que se houvesse em um outro momento uma nova discussão sobre ele.

Em 8 de dezembro de 1962, João XXIII suspende o Concílio, encerrando assim o primeiro período do mesmo. Segundo Souza (2005, p.17), o retorno era previsto para setembro do ano seguinte, mas o Cardeal Roncali, o papa João XXIII não participaria do segundo período, pois em 3 de Junho de 1963 o Papa Bom, como era conhecido, viria a falecer, causando grande comoção dentro, mas principalmente fora da Igreja, pela figura que ele representou.

O sucessor de João XXIII e que tomaria as rédeas do Concílio foi Paulo VI. De acordo com Souza(2005, p.18), este era muito diferente de seu antecessor. Assim, em setembro de 1963 iniciou-se o segundo período do Concílio. Paulo VI no início do segundo período elencou os objetivos do Concílio como sendo expor a doutrina da natureza da Igreja, a reforma interna da Igreja, a importância da unidade entre os cristão e o diálogo da Igreja com o mundo contemporâneo.

A tarefa nesse segundo período, conforme Souza (2005, p.18) era urgente, afinal era necessário reformar, corrigir e esforçar-se apara se adequar ao divino modelo. Os textos expostos reconheciam que a Igreja estava sendo infiel ao pensamento de seu fundador Jesus Cristo. A recomposição da unidade entre todos os cristãos, passou a ser enfoque mais fortemente no Concílio, reforçando um ecumenismo necessário.

Um primeiro esquema debatido nesse segundo período foi sobre a Igreja, conforme Souza (2005, p.19), esse texto debatido girava em torno de quatro capítulos fundamentais, que eram a Igreja como mistério, sua estrutura hierárquica, povo de Deus e leigos e a santidade da Igreja. Esses quatro pontos renderam muitas discussões e debates épicos entre os representantes de todas as Igrejas, foi ainda levantada novamente a questão do diaconato permanente, devido a escassez de sacerdotes, mas sem muita relevância. Por fim, depois de muito debate e confusões chegou-se ao fim o segundo período do Concílio em dezembro de 1963.

O terceiro período foi aberto em setembro de 1964, e conforme Souza (2005, p.25), este foi o período de maior crise conciliar. Foram desenvolvidas para discussão seis esquemas, sobre a Igreja, o episcopado, ecumenismo, revelação, apostolado dos leigos e a Igreja no mundo contemporâneo. No esquema da Igreja acrescentaram-se mais dois capítulos, sendo um sobre o caráter escatológico da Igreja e o outro sobre a Virgem Maria.

As discussões acaloram-se, segundo Souza (2005, p.26), quando entrou em questão a relação com os judeus na discussão sobre o ecumenismo. Esse esquema encontrou muitos opositores, que não aceitavam a relação com os judeus, mas também alguns defensores, que apoiavam essa possível conciliação ecumênica.

Um outro ponto de discussão dentre tudo isso, conforme Souza (2005, p.28), foi sobre o matrimônio, que tratava em quatro capítulos das condições para não se realizar o sacramento, bem como de matrimônios mistos, o consenso matrimonial e a forma de celebração dos mesmos. Mas, levando em conta a situação pastoral de cada país e cada região, não se foi levado em frente naquele momento esta discussão. Ainda no fim desse período, o diaconato permanente foi reestabelecido. E assim encerrou-se o terceiro período do Concílio.

A abertura do quarto e último período do Concílio, como diz Souza (2005, p.30), foi de grandes expectativas e com uma surpresa logo de início, quando Paulo VI declarou que convocaria um Sínodo Episcopal, para assim colaborar com a Igreja Universal, afirmando que a Igreja está a serviço de todos.

Neste último período foram tratados temas como a liberdade religiosa, o múnus pastoral dos bispos, o decreto sobre a vida religiosa, a formação sacerdotal, a lei do celibato, a educação cristã e religiosa, a relação dos cristãos com os não cristãos, o diálogo inter-religioso, entre outros.

Por fim, conforme Souza (2005, p.35), em 8 de Dezembro de 1965 chegava ao fim, numa grande cerimônia na praça São Pedro, o Concílio Vaticano II. Foram lidas mensagens, em francês, para governantes, intelectuais, artistas, pobres, doentes, trabalhadores e jovens. Assim, finda-se que o Concílio Vaticano II foi um evento de proporções mundiais e que reflete até os dias atuais, inclusive no Brasil.

**Os Documentos Conciliares**

De acordo com Dias (2010, p.40), os dezesseis documentos promulgados durante o Concílio sustentam a concepção de Igreja e de liturgia que se estruturava. Esses textos fazem-se primordiais para um âmbito documental. Eis a seguir os documentos conciliares:

Foram quatro constituições: ***Lumen Gentium***: sobre a natureza e a missão universal da Igreja; ***Dei Verbum:*** sobre a Palavra de Deus; ***Gaudium et Spes*:** sobre a Igreja no mundo de hoje e a vocação humana; ***Sacrossanctum Concilium:*** sobre a Sagrada Liturgia.

Também nove decretos: ***Unitatis Redintegratio:*** sobre o Ecumenismo e o caminho da unidade; ***Orientalum Ecclesiarum:*** sobre as Igrejas Orientais Católicas e sua missão; ***Ad Gentes:*** sobre o sentido missionário da Igreja; ***Christus Dominus*:** sobre a missão dos bispos; ***Presbiterorum Ordinis:*** sobre a vida e o ministério dos presbíteros; ***Perfectae Caritatis:*** sobre a vida dos religiosos; ***Optatam Totius:*** sobre a vocação sacerdotal, os seminários e a formação; ***Apostolicam Actuositatem***: sobre o apostolado dos leigos; ***Inter Mirifica:*** sobre os Meios de Comunicação Social;

E por fim, três declarações: ***Gravissimum Educationis:*** sobre a educação cristã; ***Dignitatis Humanae***: sobre a liberdade religiosa e os direitos da pessoa humana; ***Nostra Aetate***: sobre a relação da Igreja com as religiões não-cristãs.[[4]](#footnote-4)

Sem dúvidas falar do Concílio Vaticano II é falar em revolução dentro da Igreja, seja ela Católica, protestante, Ortodoxa e até de outras denominações religiosas. O evento conciliar rendeu muitos frutos e discussões. Alguns frutos bons, outros um tanto quanto podres, mas mexeu com a estrutura da Igreja e ainda mexe nos dias atuais.

A primeira revolução que se pode destacar com ênfase e força é a utilização da língua vernácula, no caso do Brasil, o português, nas celebrações eucarísticas e nos sacramentos. Até o Concílio o povo só participava da missa e dos sacramentos sem entender quase nada do que acontecia. Então muitos aproveitavam o momento da missa para fazer suas devoções ou rezar um Terço, e voltavam a sua atenção ao altar somente quando se tocava a sineta, que era o sinal de que Jesus Eucarístico, através da transubstanciação estava presente no altar.

Outro ponto de destaque do Concílio Vaticano II foi a reformulação e a utilização do Missal Romano de Paulo VI, que é utilizado até hoje pela Igreja Católica. As regras para os seminaristas e para as religiosas e religiosos em sua maioria também são seguidas até os dias hodiernos.

Não pode-se deixar de destacar também a abertura ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso. Foi e é de suma importância até os dias de hoje, se não tivesse acontecido essa abertura na década de 60 não se sabe se hoje em dia haveria certo diálogo possível, e vê-se que é mais do que necessário essa relação de irmandade entre as Igrejas e até com aqueles que não se consideram como cristãos.

Figura que merece destaque também é João XXIII, considerado como um papa de transição, por ser de idade avançada e acreditarem que ele ficaria pouco tempo no “poder”, causou a revolução convocando o Concílio. E sem dúvida a coragem de Paulo VI de assumir o seu lugar e levar em frente o Concílio, de sua maneira, foi muito importante para as decisões finais tomadas e os documentos escritos e utilizados até o dia de hoje.

Hoje em dia, Papa Francisco é muito aberto as inspirações conciliares e desenvolve sua pastoral pautado em alguns seguimentos propostos pelo Concílio, movendo a sua Igreja a cada vez mais se abrir ao aggiornamento proposto anteriormente por João XXIII.

**Considerações Finais**

Levando-se em conta os demais Concílios Ecumênicos antes do Vaticano II, percebe-se que até Trento não havia uma verdadeira abertura ao diálogo inter-religioso e ao ecumenismo. Os leigos e fieis participavam de uma maneira menos ativa e a Igreja era que impunha as ordens e tudo deveria ser seguido sem discussão.

Com a abertura do Vaticano II, percebe-se um aumento no número de fieis nas Igrejas, mesmo que nos dias hodiernos haja um número infindável de denominações religiosas, há-se de levar em conta que o número de pessoas que se dizem fieis ao cristianismo também aumentou. A utilização da língua vernácula ao invés do latim foi um ponto crucial, bem como a reforma da liturgia e do modo de formação nos seminários e casas religiosas.

Por fim, depois de praticamente quatro anos do maior Concílio já visto na história e de muitas discussões e brigas violentas, o Concílio terminou em paz e trouxe muitos frutos que se refletem constantemente na maneira de se viver dos cristãos nos dias hodiernos, seguindo suas constituições, decretos e declarações, o Vaticano II influenciou e ainda influencia em muito as Igrejas nos dias atuais.

**Referências Bibliográficas**

ALBERIGO, G. **O anúncio do concílio**. In: ALBERIGO, G.; BEOZZO, J.O. (Coords.) História do Concílio Vaticano II. v. I. São Paulo: Paulus, 1992.

DIAS, Juliano A. **Sacrificium Laudis:** a hermenêutica da continuidade de Bento XVI e o retorno do catolicismo original. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

**Documentos do Vaticano II**. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist\_councils/ii\_vatican\_council/index\_po.htm. Acesso em 19 de dezembro de 2015.

LIMA, Paulo. **Curso de pós-graduação na área de teologia: ecumenismo**. Brasília. AVM Faculdade Integrada, [2015]. 89 pags. Apostila.

PASSOS, Décio J.; SANCHEZ, Wagner L. **Dicionário do Concílio Vaticano II.** São Paulo: Paulus, 2015.

RASCHIETTI, Estevão. **O Concílio Vaticano II como evento universal e missionário**. In: RELAMI, 2005.

SOUZA, Ney. **Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II.** In: Revista Ciberteologia,Ed.2, Out-Dez 2005.

1. Bispos que participavam e tinham poder de voto nos Concílios. [↑](#footnote-ref-1)
2. Adaptação ao progresso. Cf. LIMA (2015, p.18) [↑](#footnote-ref-2)
3. O Concílio iniciou-se em 1962 e se encerrou em 1965. Porém foi convocado em 1959, por João XXIII. [↑](#footnote-ref-3)
4. Retirados do site http://www.vatican.va/archive/hist\_councils/ii\_vatican\_council/index\_po.htm [↑](#footnote-ref-4)